

parecido ao que teve o primeiro propheta de Israel, quando, do cume de uma das montanhas mais elevadas do velho mundo, viu desenrolar-se ante si todo o panorama da existencia do Universo!

(Do Norte Trasmontano, de 6 de Agosto de 1896).

ALBINO PEREIRA LOPO.

## Notícias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII

### 1. Antighalhas achadas em Braga

#### a) *Thesouro de objectos romanos*<sup>1</sup>.

«Braga, 20 de Junho. — Nesta Cidade junto ao Convento das Freiras da Conceiçam, no sitio, a que o Povo dá o nome de *Cividade*, onde ainda ao presente existe huma grande parte de muralha antiga do tempo dos Romanos, descobriram 4 homens do campo, cavando, hum precioso tesouro de peças maravilhozas pela sua forma, entre as quaes havia 4 estatuas de finissima prata, de 6 palmos de altura: huma de Mulher, duas de Centauros, e outra de hum Fauno. Com estas appareceram tambem 20 Cascos, ou Elmos de prata, grossos, e lavrados com suas folhagens de finissimo buril; algumas do tamanho da copa de hum chapéo, outras de bico, como Morrióens: alguns Vasos pequenos ovados, que pareciam destinados para sacrificios. Apareceram mais trinta e tantas laminas de prata do tamanho de hum quarto de papel, e outras pequenas, como a palma da mam. Em algumas se viam primorozamente debuxados Caçadores fazendo montarias: em outras somente alguns Javalis. Dizem que pezava tudo 240 marcos. Os descobridores repartiram entre si o achado, e vendeu hum delles a hum ourives da prata desta Cidade o pezo de 23 marcos de finissima prata: os outros se espalharam por varias partes, encubriendo o que tinham achado, e hum as foy vender a hum ourives em *Chaves*; onde se acha o Senhor Arcebispo Primaz, que havendo tido noticia deste descobrimento fez logo comprar as peças, que havia em *Chaves*, e mandou

<sup>1</sup> [Não póde duvidar-se d'esta noticia, em virtude da natureza do periodico em que foi publicada. Este rico thesouro, que se perdeu, lembra o do *Bosco-Reale* (sec. i), que vi no Museu de Louvre em 1897. — J. L. DE V.]

ordem a esta Cidade para se lhe comprarem todas as que apparecêram; o que nam pôde conseguir, por se haverem já fundido muitas. O Conego Joam Marcos Falcam comprou ao mesmo ourives (a quem se tinham vendido em segredo), hum Vaso de Sacrificio, do qual assegúra hum Pintor, filho de Pays estrangeiros, nam haver visto em Roma, donde agora veyo, peça semelhante. As Laminas eram todas lavradas ao buril com tanto primor que talvez nam haja no presente tempo artifice, que as faça tam perfeitas. Em hum dos Casquetes, ou Elmos de prata, havia no remate huma grande pedra vermelha que aqui se nam conhece»<sup>1</sup>.

(Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º 26, 2 de Julho de 1750).

b) *Thesouro de moedas visigothicas.*

«*Braga, 5 de Novembro.* — Esta cidade de *Braga* parece, que foy Seminario de thesouros, e nos tempos antigos a mais opulenta da Europa. Há pouco tempo, que se descobriu hum do tempo dos Romanos, ainda mayor do que se publicou<sup>2</sup>; agora no casal do *Fojacal*, hum tiro de mosquete do hospital de *S. Joam Marcos*, mandando o Padre *Antonio Vieira Gomes*, musico no partido da nossa Cathedral, e dono dele, cortar hum carvalho junto ás ruinas de hum muro antigo do tempo dos Romanos, a que chamamos comumente *Castelo Rodrigo*, dando se com tijolos grandes, e pedras lavradas, se achou entre eles hum cantarinho de barro grosso vermelho, que poderá levar duas canadas de agua, lavrado de meyo relevo com figuras, e com duas azas, cheyo de barro vermelho, e com este misturadas mil e tantas moedas do tempo dos Godos, de ouro franco de 23 quilates, todas do tamanho da moeda de 800 réis, que agora corre, cada uma de meya oitava escaça, e pezaram todas oito marcos. Entre elas se conheceu huma de *Recaredo*, na mesma forma, da que traz estampada o Chantre *Severim* nas suas noticias de Portugal; de huma parte o busto daquele Rey, com a letra *Recaredus Rex*, e no reverso *Hispali Pius*. Sabemos desta, porque se acha na mam do grande antiquario desta cidade *Valerio Pinto de Sá*, que tem huma prodigiosa colecçam de moedas antigas Romanas, Gothicas, Mouriscas, e Nacionaes. Se ha tambem as dos outros Reys Godos, faremos memorias delas em obsequio dos curiosos».

(*Gazeta do Lisboa*, n.º 46, 17 de Novembro de 1750).

<sup>1</sup> [Allude de certo á noticia precedente].

#### 4. Antiga sepultura de Elvas

«*Elvas*. — Escreve-se da Cidade de Elvas, que andando alguns camponezes trabalhando na herdade de *Revelhos*, situada na Freguesia de *S. Bartholameu*, termo da Villa de *Arronches*, onde há hũa nobre, e autorizada caza de Campo, da antiga, e nobilissima familia dos Sequeyras, que hoje possui, e tem ennobrecido primorozamente *Fr. D. Rodrigo de Aguilar Brito, e Monroy*, Cavaleiro da Sagrada Religian de *Maltha* seu descendente, se observou a poucos passos da quinta (incluida na mesma herdade) hũa pequena abertura na terra, que examinada mostrou concavidade, e cavando-se no mesmo lugar, se achou a tres palmos de fundo hũa abobeda, formada de tejolo, e rota e desfeita esta se descobriu outra mais singela, que cobria hũa laje de marmore branco e fino, tam delgada que nam chegava a igualar a grossura do dedo de hũ home. Esta descansava sobre quatro barras de ferro quadradas, que atravessavam a sua largura, que he de pouco mais de tres palmos, sendo de nove o seu comprimento. Lavantada, se reconheceu que cobria o vaõ de hũa sepultura, em que appareceu hũ cadaver da mesma grandeza, cujos ossos se achavam já convertidos em cinzas, conservando ainda em algũas pequenas partes a sua fôrma, mas pegando-se nestas se desfaziam do mesmo modo: argumento da remota antiguidade, e destinta gradaçam do sepultado, que se deve entender precedeu não só ao dominio dos Mouros, e Godos, mas dos Romanos que costumavan queimar os corpos, e conservar em urnas as suas cinzas, e que talvez seria algũa pessoa grande entre os Celtas, ou dos Povos Helviõs que habitaram naquelle districto».

(*Gazeta de Lisboa*, n.º 4, 25 de Janeiro de 1753).

#### 5. Achados de moedas romanas e portuguesas no Tojal e Bucellas no seculo XVIII

A fls. 385 do Codice 1103 dos Mss. do Archivo Nacional existe a interessante noticia adeante transcripta, que parece ter sido composta por D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte; pois neste volume, que é o quinto dos materiaes por elle reunidos para trabalhos que não chegaram a ver a luz da publicidade, se encontra numerosas vezes a sua letra quasi identica á da noticia já mencionada. Segundo o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, III, 213, nasceu D. Ignacio em 1717, desconhecendo-se o anno de sua morte, que em todo o caso deve ser posterior, em muito ou em pouco, a 29 de maio de 1785;

porque a fl. 295 do mesmo codice existe uma carta de Jacob Pedro Strauss a elle dirigida com aquella data, da qual separeo um trecho que mostra as relações scientificas do conego regente com a Allemanha:

«Neste tempo de verão ha a miudo occasiões de navios para Hamburgo; e como eu logo que suas Magestades voltão (*sic*) de Alem Tejo, hey de hir a Lixboa estimarey que para então a Encomenda dos Livros que V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> novamente pertende remetter para Állemanha, esteja na Loge de Antonio Lourenço, e eu munido da Relaçam dos que contém o Caixote, para o Despacho na Meza Censoria e Consulado; a fim de se poderem logo emviar para Hamburgo aos amigos com as preziças (*sic*) recommendações».

A má vontade do autor da noticia contra o Marquês de Pombal é manifesta na relação do achado das moedas em Bucellas, e com razão como vamos ver. Segundo o alvará em forma de lei assignado por D. João V em 20 de agosto de 1721<sup>1</sup> a Academia Real de Historia Portuguesia era autorizada a adquirir todos os achados archeologicos, mas não a apprehendê-los: « . . . . laminas de metal, chapas ou medalhas que tiverem figuras ou caracteres, ou outro sim moedas de ouro, prata, cobre, ou de qualquer outro metal as poderão mandar comprar o Director e Censores. . . . » E mais adiante diz a mesma lei: « . . . . e porque as que acharem algũas Laminas, chapas, medalhas, e moedas antigas as quererão vender, e reduzir a moeda corrente, as camaras serão obrigadas a compralas e pagalas promptamente pello seu justo valor, e as remeterão logo ao secretario da academia que fazendo as presentes ao Director e censores se mandará satisfazer ás Camaras o seu custo. . . . » Portanto a apprehensão das moedas portuguezas até D. Sebastião não tem a sua justificação na lei mencionada, a não ser com uma interpretação arbitraria, ou o simples alvedrio do illustre Marquês. A lei referida poucos progressos poderia trazer, em virtude da sua passividade, aos estudos archeologicos, podendo considerar-se apenas como um symptoma de gosto pelas antiguidades. Esperar que o acaso representado pela enxada do lavrador ou a picareta do pedreiro faça apparecer uma peça preciosa para o estudo da arte ou para a historia e não seguir uma exploração systematica de um dado territorio: é um procedimento que traz poucos resultados proficuos para a sciencia.

---

<sup>1</sup> O original d'esta lei, que foi publicada na *Chancellaria Mor da Corte e Reino*, em 28 de agosto de 1721, ainda se conserva no Archivo Nacional, Gaveta 2.<sup>a</sup>, Maço 4, N.º 64.

\*

*Noticia de hum Thesouro que se achou no anno de 1777*[*Moedas romanas*].

«Algũs dias antes da festa do Natal de 1777 foi descoberto hum Thesouro de varias moedas de cobre na Quinta do Bandeira, no Lugar e freguezia de S. Julião do Tojal, foi achado casualmente por hũs trabalhadores que cavavam a terra para horta. Este precioso thesouro incoberto já (ao que parece) antes da vinda de Christo, e digno de toda a estimação por sua antiguidade foi desconhecido de todos que o acharam, pois achando perto de tres alqueires de varias moedas todas de cobre, e nellas gravadas figuras e inscripções, tão pouco fizeram caso de tudo isto que se vendeo o arratel destas moedas a dez reis, e grande parte dellas forão vendidas a hum caldeireiro para concerto de tachos, caldeiras, etc. como tudo me certificou o religioso Fr. Gonçalo da Conceição que assiste na Quinta da Granja que hoje he do Mosteiro de Mafra.

Nisto veyo a parar aquelle Thesouro cahindo nas mãos de hũs tais idiotas, e mais barbaros neste particular que os mesmos que o esconderão e erão Senhores. Esta noticia soube já tarde para fazer diligencia de ver ás mãos algumas destas medalhas, e me referio tudo o mencionado Fr. Gonçalo o qual sabendo ainda que tarde a estimação que tinha no prezente tempo estas moedas pode ainda descobrir hum bom punhado dellas que entregou no Mosteiro de Mafra ao P. D. Antonio da Ave Maria e conservando ainda duas mas deu. Ellas são de cobre cada hũa he do tamanho de seis vintens, e de hũa e outra parte tem figuras e letras gravadas que ja se não podem ler bem, em hũa vem a seguinte inscripção: *Gloria Romanorum* as figuras parecem representar os Emperadores de Roma quando governavão este Reino.

O M. R. P.<sup>o</sup> João Colaço, Cura de S. Julião do Tojal digno de todo o respeito, e veneração por ser hũ perfeito sabio e excelente Parrocho me certificou tambem fora pessoalmente prezencial á verdade do ditto Thesouro, e vira as muitas e varias moedas de que constava o ditto Thesouro, que por estar tantos seculos debaxo da terra estavam muito pegadas ás outras, porem, não advertio então o apreço grande que de semelhantes monumentos fazem os sabios, e curiosos da Historia antiga, e moderna; e assim não he facil descobrir todas ou parte destas medalhas que em outros reynos darião por ellas grandes somas.

[*Moedas de D. Sebastião*].

Ha tres para 4 annos que em Bucellas distante daqui hũa legoa descobrindo hũas mulheres outro Thesouro de moedas de prata cunhadas, e com as armas dos reys de Portugal athé D. Sebastião; porem, sabendo, isto o Marques de Pombal debaixo de varias penas mandou por hũ ministro lhe fosse todo entregue, sem dar sequer hũa pequena esmolla ás pobres mulheres que o acharão, não sabemos, o que foi feito destas moedas se ainda se conservão ou forão para a Caza da moeda para se fazerem outras novas. Esta noticia me comunicou Fr. Gonçalo da Conceição já referido que teve duas destas moedas que entregou a quem lhas tinha paçado segundo o seu preço para se cumprir a ordem do Marques de Pombal».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

### Relatorio á cêrca do Museu Municipal da Figueira da Foz

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.*—Mais de dois annos são decorridos desde que tive a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> e á Commissão administrativa, de que é mui digno presidente, o meu último relatorio sobre os trabalhos d'este Museu.

Não foi por negligencia nem por menos consideração para com esse respeitavel corpo gerente que deixei por tanto tempo de comunicar-lhe officialmente o estado dos negocios a meu cargo. Esses dois annos foram fartos de trabalho para mim, quer no campo, dirigindo muitas explorações, quer no gabinete, escrevendo sobre ellas. Na quarta e ultima parte da minha obra *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, que brevemente entrará no prelo, e noutro livro, *Memorias sobre a antiguidade*, que acaba de ser impresso nesta cidade, dou conta de uma grande parte d'esses estudos; e por isso me abstenho de os especificar aqui.

Se estes dois volumes não fossem bastante para demonstrar a V. Ex.<sup>a</sup> quanto foram embaraçosas as minhas occupações, teria ainda os longos e fatigantes trabalhos que emprehendi no *Crasto* e nos *Chões*, freguesia de Brenha, para resolver os difficeis problemas que me haviam surgido nos depositos de Santa Olaya. Na verdade ha tres annos